

QUEM CONTA (LÊ) UM CONTO... AUMENTA UM PONTO (PROVÉRBIO POPULAR)

Maria Augusta H. W. Ribeiro
Maria Rosa R. M. de Camargo
Andreia Aparecida Sardelli
UNESP/Rio Claro

Este projeto teve sua origem em discussões no Departamento de Educação (Instituto de Biociências/UNESP/Rio Claro) quando sempre vinha à tona a preocupação com processos, práticas e histórias de leitura na sala de aula e fora dela.

Nestas discussões, ao mesmo tempo em que se evidenciavam os resultados de outros projetos, anteriormente desenvolvidos, evidenciavam-se, também, indagações que impunham leituras teóricas.

Das discussões gerais, abraçamos a idéia de nos dedicarmos a estudos sobre leitura e o fizemos, sistematicamente, em reuniões quinzenais, nas quais fomos elencando diferentes autores preocupados com o ato de ler e com o seu ator, o leitor: Bamberger (1975), Orlandi (1988), Platão & Fiorin (1990), Jolibert (1991), Bajard (1992), Aguiar & Bordini (1993), Kleiman (1993), Lajolo (1994), Foucambert (1994, 1997), Silva (1995), Chartier e Hébrard (1995), Chartier (1996), Lajolo & Zilberman (1998).

Essas preocupações têm estado presentes, também, e de maneira muito mais ampla e diversificada, nos trabalhos apresentados em Congressos, como o COLE – Congresso de Leitura do Brasil, promovido pela ALB/UNICAMP, no qual são questionadas a importância, as metodologias, os tipos de leitura, bem como os atores e grupos sociais que operam o ato de ler – ou nos Encontros da ANPOLL – em especial, no GT de Literatura Infantil e Leitura, no qual são apresentadas e discutidas pesquisas recentes ou em andamento, referentes à leitura, desenvolvidas em diferentes Estados – só para citar dois eventos.

Preocupações ainda presentes em publicações periódicas tais como: *Leitura, Teoria e Prática*, da ALB-UNICAMP, *D. O. Leitura*, da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, e *Proleitura*, publicação do Departamento de Literatura da UNESP/Assis, que procuram divulgar o que de atual e relevante se discute sobre o tema.

As discussões sobre as leituras teóricas estavam sempre permeadas pelas preocupações com o ato de ler em nossas salas de aula ou fora delas, decorrentes das observações, de um lado, de uma leitura pedagogizante e suas dimensões no tocante à formação; de outro, da interferência que as novas tecnologias vêm impondo ao ato de ler.

Das novas tecnologias que vêm ocupando o reinado do livro impresso, origina-se um novo tipo de leitor. A relação **livro/leitor** vai se transformando, quase se perdendo, nas novas alternativas apresentadas por tais tecnologias. As obras já não são lidas em sua totalidade, perdendo-se a noção do conjunto, substituídas por resumos que, se privilegiam o enredo, truncam elementos muito importantes do estilo do autor e da própria obra como um todo. Só a título de exemplo, comparamos o leitor que percorre o romance *Dom Casmurro*, página a página, frase a frase, compondo a figura de Capitu, de olhos oblíquos e dissimulados, ou a de José Dias, com seus superlativos tão característicos do tipo que retrata, com aquele que, em poucas linhas, fica sabendo da história, porém sem a riqueza dos pormenores que fazem, de cada obra literária, a sua singularidade.

O problema do tempo, tão crucial em nossos dias, também, vai se impondo, imperioso, ditando outras formas de leitura, na tentativa de abarcar o maior número de informações, no menor tempo possível. Há, ainda, o alto custo dos livros. Como soluções

possíveis, o recurso das cópias de capítulos de obras básicas para o conhecimento, das quais, no entanto, não há tempo para uma leitura completa. O aluno não chega, muitas vezes, a conhecer o livro como um todo, nem ao menos em sua apresentação gráfica. Este tipo de recurso, também limitado pela atual legislação dos direitos autorais, impede o acesso à obra completa; os fragmentos das obras vão-se avolumando, impessoais, quase anônimos, decepados do tronco principal. E o processo de leitura vai também sendo mutilado. Emergem outras maneiras de ler, econômicas, tendo na rapidez uma de suas características, tentando dar conta da rápida mutabilidade das informações que caracteriza a sociedade moderna.

Vai se perdendo a relação **livro/leitor**, substituída pela relação **texto/papel/tela/leitor**. E o que dizer do envolvimento com o ato de ler?

Fica cada vez mais difícil falar de paixões como a da menina de *Felicidade clandestina*, que se sentava na rede, balançando-se com o livro no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. “Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.” (LISPECTOR, 1994: 18).

Entre nossos alunos, sobressai-se a leitura para adquirir um certo conhecimento que lhe será cobrado, informativa, portanto, pouco enriquecendo sua visão de mundo, porque se restringe a objetivos predeterminados, sem significado para a sua subjetividade. Essa leitura mecanicista, não forma nem transforma o indivíduo; algumas vezes nem o deforma, porque é inócua (LARROSA, 1996).

Essas são algumas das conjecturas que levantamos em nossas discussões sobre a questão da leitura. Deveríamos, pois, encontrar formas possíveis de trabalhar a leitura como um ato tão significativo que a mesma criasse as amarras para a sua permanência, repetição ou continuidade. Mas como fazê-lo?

Um caminho nos é apontado por Paulo Freire (1993) em *A importância do ato de ler* para quem a lousa primeira foi o chão de seu quintal e o giz, os gravetos, numa indicação da estreita relação entre vida e leitura.

Outros caminhos foram indicados por Barthes (1988), Proust (1991), Pennac (1992), que tratam do prazer e da gratuidade do ato de ler. Para esses autores o momento da leitura é intenso e, quando vivido em plenitude, propicia, ao leitor, a experiência enriquecedora do entrelaçamento entre leitura e vida, da qual não há como não sair modificado. No entanto, para que essa experiência tenha lugar é condição *sine qua non* **abrir-se à escuta**, despojando-se de tudo que possa interferir nesse diálogo.

Não importa, então, definir parâmetros de partida ou chegada, porque, parafraseando Guimarães Rosa, o que importa é a travessia. Travessia essa que nos remete à experiência, como a concebe Larrosa (1996).

Sem dúvida é uma forma apaixonante de viver a leitura. Embora ela esteja presente nos três autores aos quais nos reportamos acima, é Larrosa, quem vai expressá-la em sua entrevista *Literatura, experiencia y formación* (1996).

Do conjunto das discussões e dos caminhos teóricos percorridos pelo grupo originou-se o Projeto *Quem conta (lê) um conto... aumenta um ponto* (provérbio popular) que encerra a fábula *Segredo de mulher*, de autoria de Monteiro Lobato (1994).

Na experiência de leitura aumentam-se “pontos” em quem lê, pontos que, na concepção de Larrosa, apresentam dois aspectos: um de formação como leitura – a capacidade de escutar, de pôr-se à escuta do texto. Entenda-se texto aqui, como Larrosa o concebe – “*todo lo que se nos pasa*” - tudo que compromete nossa capacidade de escuta, tudo a que temos que prestar atenção. Outro, de leitura como formação – a relação íntima entre texto e subjetividade – que se estabelece quando a “*frontera entre lo que sabemos y lo que somos, entre lo que pasa (y que podemos conocer) y lo que nos pasa (como algo a lo que debemos atribuir un sentido en relación a nosotros mismo)*” for quebrada (LARROSA, 1996: 18-19).

Pensar, pois, a leitura como formação seria intentar pensar essa misteriosa atividade, a leitura, como algo que tem a ver com aquilo que nos faz ser o que somos (LARROSA, 1996: 16).

DO PROJETO

Assim, a experiência de leitura, tal como Larrosa a concebe - relação íntima estabelecida entre o texto e a subjetividade de quem se põe a sua escuta, propiciando-lhe a apropriação, sem estar preso às amarras de interpretações, outras, que não as vivenciadas por ele - foi pensada por nós como “caminho metodológico” - a travessia - para pôr em discussão a questão da formação.

O projeto objetiva, então, criar um espaço social que privilegie a atitude de escuta, propiciando a experiência da leitura para pessoas da comunidade unespiana e em geral, interessadas pelo ato de ler. Nesse sentido, a proposta extrapola a sala de aula, amplia o espaço social para o exercício da leitura e pode remeter a práticas de leitura diferentes das escolarizadas, visando não só à informação, mas pondo a questão da formação para os participantes, num horizonte mais amplo.

O tipo de texto escolhido para as leituras foi o conto pela estreita relação entre o gênero narrativo e a própria vida. Outras características também embasaram a nossa escolha: por serem curtos, em sua maior parte, permitindo a leitura de um texto completo em cada encontro; por terem uma unidade dramática; pela diversidade de temas e autores. O não-direcionamento da interpretação propicia a troca de percepções do texto entre os leitores nas experiências relatadas.

AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS

Para divulgação do projeto, propusemos como espaço para a leitura do conto *O primeiro beijo* de Clarice Lispector (1994) o quiosque próximo à cantina da Faculdade, no dia 14 de outubro de 1999, na hora do almoço.

Todos de pé, formamos uma roda, e após uma breve explicação sobre o projeto, cada um leu, ao acaso, um trecho do conto.

A segunda sessão de divulgação, no dia 27 de outubro, foi programada em local fechado: o anfiteatro da Biblioteca do Câmpus, em horário que possibilitasse a presença de alunos do diurno e do noturno: 17:00 às 18:00, com repetição do conto de Clarice Lispector. Nesse encontro não houve a presença de nenhum participante, uma situação prevista no projeto e que só viria corroborar a nossa preocupação com a leitura. Assim, não perdendo de vista o objetivo principal por nós proposto, o de experimentar a leitura, decidimos, independente do número de participantes, dar continuidade às atividades de leitura de um conto, previamente divulgado, com cópias para os leitores, quinzenalmente, no Anfiteatro da Biblioteca do Câmpus, em horários e dias ilustrados no quadro seguinte.

	NO	LOCAL	DATA	HORÁRIO	N/PARTICIPANTES	BS.
CONTO						
O Primeiro Beijo (LISPECTOR, 1994)	999	Cantina IB-RC.	14/10	12:00h-13:00h	13	
O Primeiro Beijo (LISPECTOR, 1994)	999	A.B.C. IB-RC.	27/10	17:00h-18:00h	03	
A Igreja Do Diabo (ASSIS, 1971)	999	A.B.C. IB-RC.	10/11	18:30h-19:30h	04	

O Peru De Natal (ANDRADE, 1988)	999	A.B.C. IB-RC	24/11	19:00h-20:00h	01	
A Igreja Do Diabo (ASSIS, 1971)	000	A.B.C. IB-RC	17/02	17:00h-18:30h	08	
Vestido Preto (MEIRELES, 1967)	000	A.B.C. IB-RC	23/02	17:00h-18:00h	06	
O Primeiro Beijo (LISPECTOR, 1994)	000	A.B.C. IB-RC	22/03	13:00h-14:00h	05	
Felicidade Clandestina (LISPECTOR, 1994)	000	A.B.C. IB-RC.	05/04	13:00h-14:00h	06	
Felicidade Clandestina (LISPECTOR, 1994)	000	Centro Comunitário Infantil Hipólito Limeira	07/04	8:00h-12:00h	34	
Flor, Telefone, Moça (ANDRADE, 1973)	000	A.B.C. IB-RC	17/04	13:00h-14:00h	05	
O Espelho (GUITRY, 1958)	000	Universidade Federal Fluminense Campus Do Grajoatá	06/06	12:00h-12:30h	28	
O Espelho (GUITRY, 1958)	000	Sala 11-Bloco Didático I-IB/RC.	17/07	19:00h-21:00h	35	

Das sessões realizadas, três merecem destaque. Duas, pelo local e participantes; uma, pelo número de participantes.

Dessas, a primeira foi desenvolvida com 34 professoras da Rede Municipal de Ensino, em Limeira, no Centro Comunitário Infantil Hipólito.

O conto escolhido, *Felicidade clandestina* de Clarice Lispector (1994) foi lido pelas participantes, primeiro de uma forma “um pouco medrosa”. Em seguida, como que tomadas pela experiência da leitura em voz alta, num diálogo mesmo com o texto, elas próprias propuseram uma segunda leitura, na qual pudemos sentir o envolvimento das professoras com as palavras que iam compondo a narrativa.

Os comentários suscitados foram anotados no Diário de Campo para posteriores discussões, mas permitiram, às professoras, terem uma outra dimensão de leitura, diferente daquela circunscrita a indagações periféricas do texto, constatada por uma das participantes “cada um sente uma coisa com o texto”. Das relações estabelecidas, algumas foram com o objeto livro - “eu saboreio como ela, viro e reviro o texto (livro): capa, contra capa, orelha, depois começo”; outras, representativas da relação texto-subjetividade proposta por Larrosa, como a do caso de uma das professoras, Márcia, que se sentiu a menina do conto, porque sabia que a colega estava em casa, e embora não a atendesse para deixar ver a biblioteca, ela continuava passando na esperança de um dia conhecê-la (...). A criança tem

pequenas vinganças, assim, Márcia pensava àquela época, “você tem a biblioteca, mas quem chupa o sorvete sou eu”.

Foram colocados, também, problemas com a leitura, atualmente: “o incentivo resolve? Com meus três filhos não funcionou, incentivei os três e apenas o mais novo lê”; e o da leitura por pressão – “eu leio, adoro, mas quando é por pressão não leio”. Quanto à leitura na escola, o comentário geral foi de que “na escola se exige um determinado tipo de leitura, o resto é anulado, não é leitura”.

Muitas das professoras presentes trabalhavam com deficientes visuais e auditivos, o que exigia outros tipos de leitura, por isso foram propostas e elaboradas outras experiências de leitura.

Era uma travessia acontecendo.

A segunda, teve lugar no décimo Encontro Nacional da ANPOLL, em Niterói (RJ), no dia 6 de junho de 2000.

Por se tratar da apresentação de um projeto sobre a experiência de leitura, acreditamos que a melhor maneira de falar sobre ele seria, proporcionando, aos ouvintes, essa experiência. Propusemos, aos participantes do GT de Literatura Infantil e Leitura, compartilhar conosco a leitura de um conto e todos aquiescerem.

Foi lido, então, o conto *O espelho* (Guitry, 1958).

A própria leitura do conto, muito expressiva, foi porta aberta para os comentários suscitados. Vale destacar o de uma professora que associou o texto com o próprio projeto, como se aquele ilustrasse este, pois, como o espelho reflete a imagem de cada um, que nele se mira, na experiência da leitura reflete-se o leitor: sua história, suas leituras, sua percepção do mundo.

Outras colocações valem ser destacadas, como o paralelismo com as “discussões de filósofos gregos - você reflete o que lê”, ou a relação estabelecida com a educação quando um dos participantes compara o processo sofrido por Mel de Crisântemo diante do espelho, seu desconhecido, com o dos alunos diante da aprendizagem do novo, que causa medo até que o conhecimento seja assimilado.

Algumas, mais literárias, como as relações intertextuais com Machado de Assis e Guimarães Rosa que também trabalham o processo de auto conhecimento e o espelho. Este reflete o interno da pessoa e é isso que assusta a quem nele se mira. Vale, ainda, apontar para o destaque dado ao nome da personagem principal Mel de Crisântemo que, para uma professora “valia pelo texto”.

A terceira sessão a ser destacada, esta pelo número de participantes, aconteceu no Anfiteatro da Biblioteca, no dia 24 de novembro de 1999.

Quando decidimos trabalhar com a proposta de Larrosa (1996), não sabíamos, quão difícil seria, algumas vezes, mantermo-nos fiéis às suas colocações.

A atividade desse dia, pode ser contada para exemplificar a aridez do caminho.

Fomos à Biblioteca para o encontro: o anfiteatro vazio, os minutos escoando, nós duas –coordenadoras - conversávamos para que a ansiedade não nos tomasse. Passado um tempo razoável de espera, olhamos uma para a outra e resolvemos ir embora. Quando nossos corpos giravam nas poltronas, para o impulso de levantar, uma voz soa: boa noite, professoras!

Era um aluno do noturno, que tentara chegar mais cedo, mas morando em outro município, não fora possível. Voltamo-nos, encantadas, para o participante. O conto era *O peru de natal* (Andrade, 1988) que lemos a três. E o aluno, emocionado, revivendo, na experiência da leitura, uma outra, também de perda: a de um tio. A atividade ia tomando alma, pois três leitores trocavam narrativas singulares de suas vidas – texto e subjetividade iam-se entrelaçando pouco a pouco - integradas pela e na de Mário de Andrade.

O tempo pôs fim ao diálogo; à experiência – formadora – não.

Era de novo uma travessia acontecendo.

Colocada como metodologia do trabalho a travessia tem nos levado também, pesquisadoras do projeto, a diferentes, enriquecedoras, inesperadas, experiências de leitura transformando-nos a cada encontro com leitores e textos, transformando nossa escuta e, por ela, sendo transformadas.

Bibliografia Consultada

- AGUIAR, V. T. & BORDINI, M. G. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- ANDRADE, C. D. Flor, Telefone, Moça. In: _____. *Seleção em prosa e verso*. Rio: L. G. O. E., 1973. p. 104-110.
- ANDRADE, M de. O peru de natal. In: _____. *Os melhores contos*. São Paulo: Global, 1988, p. 135-140.
- ASSIS, M de. A igreja do diabo. In: _____. *Contos*. São Paulo: Saraiva, 1971, p. 52- 57.
- BAJARD, E. *Ler e dizer compreensão e comunicação do texto escrito*. Coleção Questões da nossa época, v. 28, São Paulo: Cortez, 1994, p. 128.
- BAMBERGER, R. *Como incentivar o hábito de leitura*. São Paulo: Cutrix, 1977.
- BARTHES, R. *O prazer do texto*. Edições 70, 1988.
- CHARTIER, A. M. & HÉBRARD, J. *Discursos sobre a leitura: 1880 – 1980*. São Paulo: Ática, 1995.
- CHARTIER, R. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- D. O. LEITURA. Publicação da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. São Paulo.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1993.
- FOUCAMBERT, J. *A criança, o professor e a leitura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- _____. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- GUITRY, S. O espelho. In: RIEDELL, D. (org) *Maravilhas do conto francês* 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1958. p. 319-320.
- JOLIBERT, J. *Formar crianças leitoras*. 2. ed. Portugal: Asa, 1992, 151 p.
- KLEIMAN, A. *Oficina da leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes - UNICAMP, 1993, 101p.
- LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. & ZILBERMAN, R. *A formação da leitura no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- LARROSA, J. *La experiencia de la lectura*. Barcelona: Laertes, 1996.
- LEITURA: Teoria & Prática. Campinas: A. L. B. - UNICAMP, v. 18, n.34, 1999.
- LISPECTOR, C. Felicidade Clandestina.. In: _____. *Felicidade Clandestina*. 8. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, p. 15-18.
- _____. O primeiro beijo. In: _____. *Felicidade clandestina*. 8. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, p. 172-175.
- LOBATO, M. Segredo de mulher. In: _____. *Fábulas*. 51. ed.. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 46-47.
- MEIRELLES, C. Vestido preto. In: _____. *Inéditos*. Rio de Janeiro: Bloch, 1967, p. 121-123.
- ORLANDI, E.P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1988 (Coleção Passando a Limpo).
- PENNAC, D. *Como um Romance*. Lisboa: Asa, 1995.
- PLATÃO & FIORIN. *Para entender o texto*. São Paulo: Ática, 1990, p. 399.
- PROLEITURA, Assis: UNESP – Faculdade de Ciências e Letras, v. 5, n.21, 1998.
- PROUST, M. *Sobre a leitura*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1991, 60 p.
- SILVA, E. T. *A produção da leitura na escola: pesquisas e propostas*. São Paulo: Ática, 1995.